

AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS E A EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA: UMA VISÃO DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Isis Nalba Albuquerque Cardoso

*Universidade Federal de Alagoas
isiscardoso@gmail.com*

Introdução

O advento e a popularização da internet e, posteriormente, das redes sociais virtuais - também chamadas de redes sociais online - e ainda, de forma mais extensa das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICS), possibilitou o acesso dos jovens em idade escolar a essas tecnologias. Hoje é bastante notória a abrangência da telefonia móvel, mais precisamente dos smartphones, em sala de aula, em todos os níveis (fundamental, médio e superior).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal 2015 - mostrou que o contingente de pessoas de 10 anos ou mais de idade que tinham telefone móvel celular para uso pessoal era de 139,1 milhões, o que correspondia a 78,3% da população brasileira nessa faixa de idade. Em relação a 2005, esse número aumentou 147,2% (82,8 milhões de pessoas).

O processo educativo, por fazer parte da conjuntura social, é claramente influenciado pelo progresso da sociedade. Não há como desvencilhá-los. Então, como podemos navegar no contexto da evolução social e utilizar as tecnologias em prol da aprendizagem?

Na tentativa de responder a esse questionamento, ressaltamos primeiramente o conceito de rede social que, como a própria expressão indica, é nada mais que o relacionamento entre membros de um sistema social, ou seja, é o relacionamento entre pessoas em um mesmo espaço, ambiente social.

De acordo com Queila Souza “[...] uma rede social é composta por nós (pessoas, grupos, organizações ou outras formações sociais tais como países) conectados por meio de relacionamentos” (SOUZA, 2008, p.194).

Nesse viés, as redes sociais virtuais diferenciam-se das reais apenas pela forma de conexão, isto é, nas redes sociais virtuais as conexões são dispostas por meio das tecnologias. Em seu livro ‘A Revolução das Mídias Sociais’ André Telles destaca que o foco das redes, na verdade, é agrupar pessoas, estas podem participar por meio da publicação de textos, fotos, vídeos, ou ainda simples mensagens. Tais redes pressupõem a colaboração com conteúdos, além da “interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos” (TELLES, 2011, p.19).

Antoun destaca ainda que:

Diferentes das instituições ou dos grupos, as redes sociais fazem circular, através de seus canais, notícias, dicas, interesses no seio de uma comunidade que partilha certas atividades e age coletivamente. O canal de uma rede social é formado pela interação entre seus membros (ANTOUN, 2008, p.14).

Dentre os propósitos deste trabalho está relacionar o uso das redes sociais virtuais no contexto de uma educação participativa e, por que não dizer, dialógica, posto o cenário da vigente utilização dos smartphones pelos jovens na escola.

Sobrevindo as considerações acerca das redes sociais virtuais aborda-se um conceito que também surgiu nesse mesmo cenário: o de cultura participativa.

Participação efetiva, comunicação, produção e compartilhamento de conteúdos, criatividade, usuários ativos, participativos e dispostos ao debate, individualismo afrontado por meio de um sistema de redes sociais virtuais. Isso é cultura participativa. Como o próprio nome sugere, cultura participativa significa participação. E para que tal engajamento seja possível, as tecnologias digitais são primordiais.

Na abordagem da educação participativa, é fulcral esclarecer o conceito de cultura participativa, visto que é por meio dela que conseguimos emitir e receber informações em tempo real, de forma rápida e precisa. Lemos e Cunha (2003) ilustram que:

A liberação do polo da emissão está presente nas novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimentação social da rede. Assim, chats, web blogs, sites, listas, novas modalidade midiáticas, e-mails, comunidade virtuais, entre outras formas sociais, podem ser compreendidas por essa segunda lei (LEMONS; CUNHA, 2003, p.19).

Ao longo dos anos, com o desenvolvimento de mídias como o rádio e a televisão, os fatos eram ‘repassados’ a ouvintes, no caso do rádio, e espectadores passivos. Eles apenas assimilavam a informação, mas não tinham a tecnologia necessária para promover a interação, principalmente em tempo real.

Contemporaneamente os agora chamados de usuários são ativos, participam, colaboram, opinam, destacando que todas essas interações ocorrem simultaneamente, ao vivo, em tempo real. Para Jenkins (2009), não existe mais passividade nos usuários, hoje todos participam, isto quer dizer que a cultura participativa se opõe a noção de espectadores passivos dos meios de comunicação de massa. “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados podemos, agora, considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras [...]” (JENKINS, 2009, p.28).

Hoje todos, conectados à rede, podem emitir opinião, mas também são receptores das opiniões dos outros navegantes.

Outro desígnio desta pesquisa é vincular tais conceitos (redes sociais virtuais e cultura participativa) com o uso do smartphone pelos jovens na escola e a educação participativa brota neste panorama para quebrar os paradigmas da educação proposta na sociedade industrial, que educava a criança apenas para servir aos propósitos da indústria. Nesse contexto citamos Imbernón no momento em que ele descreve que “a sociedade industrial postulava a ideia do capital humano e dotava à escola o papel de educar nos valores hegemônicos e transmitir conhecimentos” (IMBERNÓN, 2000, p.28).

O pedagogo Paulo Freire já explanava a relação de poder, este emanado da figura do professor, no processo pedagógico.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p.33).

No cenário da educação participativa os discentes podem participar de forma efetiva, trazendo suas experiências de vida para a sala de aula, expondo o aluno como cidadão. O psicólogo estadunidense Carl Rogers considera o aluno como pessoa. Para ele “o ensino deve facilitar a sua autorrealização, visando à aprendizagem ‘pela pessoa inteira’, que transcende e engloba as aprendizagens afetiva, cognitiva e psicomotora” (CAVALCANTI; OSTERMANN, 2010, p.24).

Com efeito, é preciso estabelecer e incentivar a participação dos alunos em sala de aula, porquanto a participação infere positivamente na aprendizagem. Cavalcanti e Ostermann destacam que Paulo Freire pressupõe a hierarquia horizontal entre educador e educando.

Ao contrário da forma tradicional de ensino, muito centrada na autoridade de um professor, a forma horizontal em que alunos e professor aprendem juntos com intensa interação, se mostrou bastante mais eficiente. Convém salientar que, quando se fala hierarquia horizontal, não está se eliminando a hierarquia professor-aluno. Apenas ele se estabelece de forma totalmente distinta da tradicional. A hierarquia horizontal pressupõe uma participação igualitária do professor e do aluno no processo de aprendizagem (CAVALCANTI; OSTERMANN, 2010, p.30).

E essa participação, atualmente, pode ocorrer por meio das redes sociais virtuais. O Facebook, por exemplo, permite criar grupos fechados e secretos onde o professor pode disponibilizar o material que alicerçará seu conteúdo e promover o debate com os alunos que podem interagir entre eles ou com o professor de forma síncrona ou assíncrona.

Uma pesquisa divulgada no jornal 'Folha de São Paulo', no dia 18 de julho de 2018, revela que o Facebook atingiu a marca de 127 milhões de usuários ativos no Brasil, desses, 90% usam a rede por meio de dispositivos móveis, principalmente smartphones. Porquanto, mediante esse quadro, porque não utilizar tal abrangência dessa rede social virtual na educação?

A proposta do aplicativo Whatsapp, comprado pelo Facebook em 2014 por 16 bilhões de dólares, também é deveras propícia à interação e participação. O docente pode criar grupos de estudos no aplicativo ou ainda disponibilizar vídeos, imagens e textos para seus alunos e abdicar, de certo modo, da aura de superioridade, normalmente vinculada ao papel do professor. Lembrando que o aplicativo de troca de mensagens tem 120 milhões de usuários ativos no Brasil e 1,5 bilhão no mundo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

Nesse âmbito, evoca-se a intrínseca relação entre as redes sociais virtuais, a participação, e a educação de jovens quando contextualizamos com o objetivo maior que é o foco dos alunos no conteúdo e a posterior aprendizagem.

Metodologia

As redes sociais virtuais e sua inferência na educação participativa no contexto da escola contemporânea foram analisadas limitando à área social da ciência, utilizando como forma o método hipotético-dedutivo. No processo de estruturação da estratégia metodológica mais adequada, almejando ao alcance dos fins propostos, optou-se pela realização de uma pesquisa do tipo qualitativa que, de acordo com Gray (2012, p.135) “busca entender os fenômenos dentro de seus contextos específicos”.

As fontes para a pesquisa foram cometidas a partir da análise documental de estudiosos sobre o tema abordado, por meio de revisão bibliográfica, leitura de periódicos, revistas, buscas na internet, entre outros, além de contextualizar as informações obtidas, tendo em vista a melhor forma de exibi-las.

Com relação ao procedimento, este trabalho se desenvolveu por meio de observação indireta e estudo descritivo. Para Triviños (1987, p.110), “o estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade”, de modo que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura. Gray (2012, p.36) estabelece que a pesquisa descritiva busca “‘desenhar um quadro’ de uma situação, pessoa ou evento, ou mostrar como as coisas estão relacionadas entre si”, convergindo, deste modo, com a proposta do trabalho.

Resultados e Discussão

Os resultados iniciais encontrados no presente estudo sugerem que as novas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICS) propiciaram e até mesmo demandaram inovações em vários segmentos sociais, inclusive na educação, com a possibilidade de estudar e aprender de forma eficaz mediante o uso de um tablet ou smartphone, por exemplo.

O design dos espaços convencionais de aprendizagem está se tornando ultrapassado e obsoleto, fato de dispersão da atenção dos alunos durante a explanação ‘formal’ do conteúdo - entenda-se por formal as estratégias pedagógicas convencionais, onde o professor se posiciona a frente dos alunos e ministra sua aula – posto ainda que o smartphone, principalmente quando está conectado à internet, tem a característica de concentrar a atenção do usuário para ele (aparelho), mediante as variadas possibilidades de navegação.

Diante do exposto, a utilização das redes sociais virtuais no âmbito educacional, buscando promover a aprendizagem, pode se contextualizar como uma forma de melhorar o relacionamento entre professor e aluno, aproximando-os, no campo virtual, aprimorando a interação e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Os estudos de Vygotsky mostram a importância da figura do professor como identificação e elemento primordial nas interações sociais do estudante.

Os sistemas de signos, a linguagem, os diagramas que o professor utiliza têm um papel relevante na psicologia vygotskyana, pois a aprendizagem depende da riqueza do sistema de signos transmitido e como são utilizados os instrumentos (CAVALCANTI; OSTERMANN, 2010, p.28).

O uso das TDICS permite ao professor desenvolver estratégias pedagógicas diversas das tradicionais. A liberdade e interação disposta entre aluno-professor-aluno nas redes sociais virtuais colaboram para que o aprendiz construa seu próprio conhecimento.

Contudo, nota-se que a utilização de tais tecnologias exige maior responsabilidade tanto dos alunos, quanto do professor. É preciso que o uso das redes em sala de aula tenha o propósito educacional, caso contrário a aprendizagem do aluno estará deveras prejudicada.

Dessa maneira, redes sociais [...] podem abrigar, de forma positiva, diversas comunidades voltadas para o estudo, [...], onde seus integrantes interagem entre si, como sujeitos do processo. Para tanto, é preciso que haja uma intencionalidade educativa, que promova trocas positivas entre eles, gerando crescimento mútuo (SOUZA; SCHNEIDER, 2012, p.06).

Outro aspecto importante nessa abordagem é o ‘bom uso’ do ambiente virtual para não transformá-lo em depósito de textos, informações e conteúdos, mas sim em um espaço de interações e questionamentos, onde o aprendizado seja efetivado por prazer, “porque gostamos e nos identificamos com o assunto” (MORAN, 2000, p.11).

Conclusões

Estabelecer uma educação participativa por meio das redes sociais não é tarefa fácil, principalmente porque passa pela transformação ou adaptação de um ambiente considerado de ‘entretenimento’ para uma ferramenta voltada ao ensino com propostas de interação e objetivo de aprendizagem. Alunos e professores devem estar preparados para considerar mudanças e estratégias pedagógicas diferentes, pois as TDICS proporcionam novas possibilidades de ensino, de aprendizagem e de abordagens.

Para que as tecnologias sejam usadas de forma significativa, trazendo resultados no processo educacional, ressalta-se a necessidade da formação e capacitação continuada dos docentes.

Como constata Sales e Cruz (2012, p.4) “faz-se necessária a criação de uma cultura tecnológica, [...], explorando suas potencialidades didáticas”.

Diante do exposto e considerando a possibilidade das redes sociais virtuais em um contexto de promoção ao conhecimento e como extensão do espaço pedagógico da sala de aula, ressalta-se que o aprendizado colaborativo – construído de forma conjunta pelos discentes - e, de modo mais amplo, a educação participativa podem sofrer atualizações, já que a qualquer instante poderá surgir uma nova rede social virtual e modificar todo o cenário, porém enquanto o aluno (sujeito da aprendizagem) for protagonista na construção do seu conhecimento e visualizar na figura do professor um signo de interação, identificação e parceria, ele vai desenvolver autonomia, criatividade e senso crítico, fazendo com que todo o mecanismo funcione e a proposta se efetive.

Referências

ANTOUN, Henrique (org). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 87 p.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>>. Acesso em 14 set. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Porto Alegre: Penso, 2012.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**; tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMONS, A.; CUNHA, P. (orgs). 2003. **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre, Sulina. p. 11-23. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/cibercultura.pdf>>. Acesso em 12 set. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MORAN, José Manuel et al. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

OSTERMANN, Fernanda. CAVALCANTI, Cláudio José de Holanda. **Teorias de Aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

SILVA, Adnilson José da. ORZECOWSKI, Suzete Terezinha. **Psicologia e educação: fundamentos para a aprendizagem.** Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2009. 96 p.

SOUZA, Adriana Alves Novais; SCHNEIDER, Henrique Nou. **Aprendizagem nas Redes Sociais:** colaboração online na prática de ensino presencial. In. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA; ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO. São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCAR, 2012, p.145.

SOUZA, Queila (org). **O Tempo das Redes.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais:** cases, conceitos, dicas e ferramentas. 2ed. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.